



O LONGO VERÃO DA TURQUIA

Entendendo o levante Gezi

ERDEM YÖRÜK

RESUMO

Este artigo descreve as causas políticas e sociais dos protestos do parque Gezi na Turquia, apresentando um esboço da história recente do país. O artigo analisa o desdobramento de queixas acumuladas e das lutas populares resultantes na Turquia durante o ano anterior aos protestos. Em seguida, o artigo emprega o conceito de profecia autorrealizável como um mecanismo que transformou e uniu várias lutas em um único levante de âmbito nacional. A segunda metade do artigo compara os protestos na Turquia e no Brasil, situando as diferenças e semelhanças em um contexto político e histórico mais amplo.

PALAVRAS-CHAVE: *Turquia; protestos do parque Gezi; AKP; profecia autorrealizável.*

ABSTRACT

This article describes the political and social causes of the Gezi Uprising in Turkey, providing a portrayal of the recent history of the country. The article analyzes the unfolding of accumulated grievances and resulting grassroots struggles in Turkey during the last year preceding the Gezi Uprising. Then, the article employs the concept of self-fulfilling prophecy as a mechanism that transformed and united various struggles into a single nationwide uprising. The second half of the article compares the protests in Turkey and Brazil, placing the differences and similarities into a broader political and historical context.

KEYWORDS: *Turkey; Gezi Uprising; AKP; self-fulfilling prophecy.*

Para a maioria das pessoas, o recente levante contra o governante Partido da Justiça e do Desenvolvimento (Adalet ve Kalkınma Partisi — AKP) da Turquia ainda é um enigma. Por que um protesto a respeito de um parque levou tão depressa a uma agitação em todo o país? O governo turco explicou o que aconteceu recorrendo a uma teoria de conspiração, referindo-se a um “lobby da taxa de juro” internacional que planejava derrubar o governo. Contudo, de acordo com uma pesquisa do instituto Konda, 49% dos manifestantes decidiram aderir aos protestos depois de receber notícias sobre a violência excessiva da polícia, o que indica que esse foi o principal detonador do levante¹.

[1] <<http://www.brookings.edu/blogs/up-front/posts/2013/06/13-turkey-protests-gezi-park-democracy-kirisci>>.

Para que se tenha um instantâneo desse fenômeno, tome-se o exemplo de uma jovem aluna minha: ela vem de uma família politicamente conservadora e nunca tinha participado de um protesto antes de Gezi. Mas em 1º de junho ela não conseguiu ficar em casa depois de ver relatos nas mídias sociais de que a polícia havia atacado violentamente manifestantes que protestavam pacificamente no parque Gezi. Os resultados da pesquisa Konda sugerem que a experiência dela foi partilhada por muitos outros como ela.

PROFECIA AUTORREALIZÁVEL

Para entender como um pequeno protesto evoluiu tão depressa para uma agitação em grande escala, sugiro que nos reframos ao conceito de profecia autorrealizável. O sociólogo americano Robert K. Merton definiu profecia autorrealizável como “uma falsa definição da situação evocando um novo comportamento que torna a falsa concepção original ‘verdadeira’”². Desde o fim de maio, o governo turco agiu com base nas piores hipóteses possíveis e em falsas premissas, muito provavelmente baseado em informações enganosas ou mal avaliadas, que amplificaram, uniram e transformaram os protestos existentes e emergentes em um levante.

O ano anterior aos protestos Gezi já havia sido marcado por uma série de protestos de curdos, mulheres, trabalhadores, indivíduos LGBT, estudantes e alevitas (uma seita heterodoxa do Islã, cujos seguidores constituem uma minoria de 20-25% da população na Turquia), todos acompanhando o histórico impressionante e contínuo de políticas antidemocráticas do AKP: a Turquia sozinha responde por um terço de todas as prisões por terrorismo no mundo depois do 11 de Setembro³ e tem mais jornalistas presos do que qualquer outro país, seguida por Irã e China⁴. Antes de os protestos de Gezi começarem, manifestantes curdos já haviam ajudado a empurrar o AKP para negociações de paz ao exercerem uma combinação de desobediência civil e armada (que incluiu uma greve de fome de 68 dias de milhares de prisioneiros curdos de setembro a novembro). As mulheres mostraram uma resistência poderosa contra o plano do governo de restringir o aborto; o movimento de trabalhadores nos setores formal e informal se intensificou gradativamente (são exemplos a greve atual da Turkish Airlines e a resistência na Universidade Koç em abril); manifestantes LGBT organizaram uma forte reação pública contra a morte de indivíduos transgênero; o movimento estudantil exibiu uma rápida expansão, em especial depois dos levantes no *campus* da Middle East Technical University, em Ancara, em dezembro de 2012; e os alevitas protestaram contra a homenagem a Yavuz Süleyman, um sultão otomano considerado responsável pela morte de muitos alevitas no co-

[2] Merton, Robert. *Social theory and social structure*. Nova York: Free Press, 1968, p. 477.

[3] <http://www.huffingtonpost.com/2011/09/03/terrorism-convictions-since-sept-11_n_947865.html>.

[4] <<https://www.cpj.org/2012/12/journalists-in-prison-reach-record-high-turkey-ira.php>>.

meço do século XVI, na nova ponte sobre o Bósforo, que leva seu nome. Talvez apenas as classes médias secularistas não foram às ruas antes dos protestos Gezi, e sua subsequente participação no movimento de protesto forneceu os grandes números que faltavam.

Olhando retrospectivamente para o passado recente, é relativamente fácil explicar o desdobramento dos protestos de Gezi em junho, dadas essas formas de resistência de amplo alcance. No entanto, mesmo no fim de maio era muito difícil prever o que aconteceria. A rapidez da transição dessa série contínua de protestos para um levante em todo o país ocorreu basicamente porque as escolhas políticas do AKP foram moldadas pelo que chamo de profecia autorrealizável.

Eis o padrão de quatro passos da profecia autorrealizável em que o governo turco ficou preso: 1) uma pequena onda inicial de inícios de protestos públicos; 2) o partido governante faz a observação de que essa é uma conspiração para incitar um levante maior; 3) para evitar a conspiração, o governo aplica violência policial extrema contra os manifestantes; 4) a violência extrema transforma o protesto na insurreição que o partido governante inicialmente tentava evitar. Esse padrão se repetiu em vários momentos desde o final de maio, quando o governo reprimiu severamente um número inicialmente pequeno de ativistas militantes ambientalistas no parque Gezi, baseado em informações muito provavelmente imprecisas dos serviços de segurança sobre uma trama para um golpe. Esse padrão se repetiu nos meses seguintes, já que o AKP continuou incapaz de entender as relações de causalidade.

Por exemplo, seguindo o mesmo padrão de profecia autorrealizável, o governo recentemente anunciou que vai sancionar uma nova lei que substituirá as forças de segurança privadas existentes nos *campi* universitários e estádios de futebol por forças policiais estatais. O motivo declarado, de novo, é prevenir um levante. O vice-primeiro-ministro Bülent Arınç disse no final do verão que o governo havia recebido informações dos órgãos de segurança sobre uma nova onda de protestos em grande escala. Foi dito pelo governo que esses novos protestos começariam em setembro e teriam origem em *campi* e estádios. E os protestos de fato começaram.

O público também ouviu notícias de novos planos do governo para desqualificar ao recebimento de bolsas governamentais qualquer estudante universitário que participasse da resistência. O ministro do Interior anunciou um novo plano para proibir *slogans* políticos em estádios de futebol. De acordo com essas novas propostas para estádios de futebol, *slogans* políticos e ideológicos serão proibidos; forças policiais serão empregadas em lugar das empresas de segurança privada, que são atualmente responsáveis pela segurança durante os jogos; policiais à paisana serão colocados entre os torcedores; as ações de

grupos de torcedores em estádios durante os jogos, e suas atividades de organização nas mídias sociais, serão rigorosamente monitoradas; e o consumo de álcool em estádios será severamente restringido.

Estudantes universitários e grupos de torcedores de times estiveram entre as forças propulsoras durante os protestos Gezi. O plano de inserir forças policiais em *campi* e estádios, junto com outras medidas para reprimir o ativismo político, na verdade causou protestos em setembro, quando começou o campeonato de futebol. Isso se tornou uma possibilidade ainda mais forte depois que o primeiro-ministro Erdoğan declarou, em 8 de agosto, que as forças de segurança reagiriam da maneira necessária àqueles que tentassem continuar os tumultos em setembro. Em 10 de agosto, o ministro dos Esportes, Suat Kılıç, ameaçou explicitamente os torcedores de futebol ao dizer que “aqueles que politizam os estádios pagarão o preço”. E acrescentou:

Se alguns grupos tentarem se infiltrar em torcidas, é bom que saibam que a Turquia não é uma república das bananas. Temos combatido o terrorismo há trinta anos. Podemos lidar com isso também. Não quero parecer ameaçador, mas saibam que não vale a pena arriscar vocês e seu time. Todos devem saber que a lei será imposta. Espero que ninguém seja ferido, mas isso pode acontecer. Quero avisar, haverá monitoramento eletrônico nos estádios. Promotores assistirão aos jogos nos estádios, e vamos introduzir bilhetes eletrônicos para monitorar o assento de cada torcedor.

O sr. Kılıç também avisou aos estudantes universitários: “Eles podem tentar reproduzir os protestos Gezi nas universidades. As pessoas não devem arruinar sua vida, não devem ter histórico criminal”.

Há uma reação crescente nas universidades contra esses planos sob a bandeira “Polícia na universidade não”. Forças policiais em número excessivo já estão sendo enviadas a treinos de times de futebol importantes, levando os torcedores desses times a continuar a gritar *slogans* antigoverno durante os jogos. Em agosto, muitos manifestantes de Gezi pensavam que os acontecimentos só haviam se acalmado por causa da chegada do verão e do Ramadã. Então surgiu uma forte crença — na verdade, um desejo — entre o público sobre uma nova onda de levantes que aconteceria em setembro. O padrão de profecia autorrealizável do governo se mostrou recorrente: uma medida repressiva contra um levante esperado, baseado no que é muito provavelmente uma previsão falsa, causou a ocorrência desse mesmo levante em setembro.

Mas por que o governo turco continua agindo segundo esse padrão? Uma explicação possível é que o primeiro-ministro Erdoğan recrutou cada vez mais quadros do AKP propensos a teorias de conspiração. Por exemplo, o recém-nomeado principal assessor de Erdoğan,

[5] <<http://www.theguardian.com/commentisfree/2013/jul/13/erdogan-turkey-protests-telekinesis-conspiracy-theories>>.

[6] <<http://blogs.ft.com/beyond-brics/2013/07/09/erdogans-right-hand-conspiracy-theorist-why-his-appointment-matters/?Authorised=false#axzz2YpaaB8FP>>.

[7] <http://www.jadaliyya.com/pages/index/12673/gulenism_the-middle-way-or-official-ideology>.

Yiğit Bulut, é famoso por seu argumento de que “existem conspirações em andamento para matar Erdoğan à distância utilizando métodos como a telecinese”⁵. Bulut foi apropriadamente chamado pelo *Financial Times* de “teórico da conspiração pessoal de Erdoğan”⁶.

Mas, mais importante, a hegemonia de uma década do AKP criou um excesso de confiança entre os quadros do partido quanto a sua capacidade de mobilizar e controlar a sociedade turca. A liderança do AKP tentou conservar sua base popular recorrendo a uma posição polarizadora e não acomodatória em relação aos manifestantes Gezi. Essa estratégia pareceu funcionar. O apoiador comum do AKP — por exemplo, um motorista de táxi em Üsküdar, um bairro conservador no lado asiático de Istambul — provavelmente repete teorias conspiratórias sobre os protestos Gezi: por exemplo, que a Alemanha é contra o novo aeroporto que substituiria o aeroporto internacional de Frankfurt, ou que a Inglaterra é contra o novo canal que o AKP planeja construir na parte europeia de Istambul. Portanto, o levante passa a ser visto como nada além de um complô ocidental para solapar os projetos bem-sucedidos do AKP.

Vale a pena notar que não há nenhuma estratégia unificadora única dentro do AKP. Muitas pessoas começaram a falar sobre uma emergente demarcação entre os apoiadores de Erdoğan e aqueles que têm relações mais próximas como o Movimento Gülen, uma comunidade religiosa influente que, ao que se diz, controla as forças policiais e jurídicas na Turquia⁷. Esse segundo grupo incluía o presidente Abdullah Gül e o vice-primeiro-ministro Bülent Arınç. Embora a base popular do AKP ainda pareça estar convencida pela abordagem superconfiante desenvolvida por Erdoğan e seus aliados próximos no partido, essa outra facção do AKP começou a questionar a sustentabilidade a longo prazo dessa estratégia, dado o rápido acúmulo de queixas no mundo ocidental sobre as políticas autoritárias de Erdoğan e sua estranha escolha do capital internacional como alvo. Por exemplo, Gül e Arınç adotaram ocasionalmente uma posição mais tolerante em relação aos manifestantes que protestavam. Mas, a despeito de crescentes objeções, Erdoğan ainda é capaz de dominar o partido e, portanto, determinar o curso dos acontecimentos.

A cegueira entre os quadros próximos a Erdoğan os levou a desconsiderar queixas acumuladas na sociedade, compelindo-os a ver teorias de conspiração como as explicações mais plausíveis para o levante contra um partido que de resto não é contestado. Portanto, é adequado dizer, voltando a nos referir a Merton, que a falsa definição da situação pelo AKP (como um complô internacional cujo objetivo é provocar uma insurreição) evoca um novo comportamento (o uso de repressão do Estado) que continua a tornar a falsa previsão original “verdadeira” (a insurreição ocorre). Foi isso que aconteceu desde o final de maio, e parece provável que aconteça também no futuro.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE TURQUIA E BRASIL

Brasil e Turquia, duas das chamadas economias de mercado emergentes, têm assistido a grandes protestos públicos nos últimos meses. A agitação nos dois países foi provocada por pequenos protestos contra questões relativamente pequenas: um aumento nas tarifas de transporte público, no Brasil, e uma proposta de construção em um parque da cidade, na Turquia. Contudo, em ambos os países, esses pequenos protestos iniciais rapidamente evoluíram para levantes nacionais depois de serem reprimidos por forte violência policial. Apesar das muitas semelhanças entre os dois casos, porém, as respostas do governo divergiram. A seguir, registro as semelhanças e explico as divergências.

As semelhanças nos dois casos foram impressionantes. Esses levantes em âmbito nacional foram organizados como movimentos populares sem líderes fazendo reivindicações amplas. No Brasil, centenas de milhares de pessoas protestaram contra a corrupção do governo, a desigualdade, serviços públicos deficientes e a brutalidade da polícia. Na Turquia, as pessoas protestaram principalmente contra a postura autoritária e as políticas neoliberais que o governante AKP e seu líder, Recep Tayyip Erdoğan, adotaram crescentemente, em especial nos últimos anos. Nos dois países, a maioria dos que protestavam é constituída de jovens, e em ambos os casos os movimentos populares começaram entre as classes médias e com o tempo se espalharam para favelas e bairros de trabalhadores.

Mas há também diferenças. Na Turquia, a classe média continua a constituir a espinha dorsal do movimento, enquanto no Brasil a composição de trabalhadores dos levantes é significativamente maior que na Turquia. Sindicatos declararam uma greve geral de um dia, o que fazia sentido no Brasil mas não na Turquia, onde a classe trabalhadora formal já não é um grupo político popular poderoso. Além disso, na Turquia os sindicatos mais fortes estão colaborando amplamente com o governo. Os manifestantes Gezi esperavam muito de uma greve geral tentada, mas os sindicatos de esquerda que a declararam pareceram por algum tempo hesitantes em levá-la a cabo, o que criou alguma decepção entre os manifestantes. O fracasso da greve mostrou a verdadeira razão pela qual os sindicatos hesitavam: não era sua falta de motivação, mas sua falta de capacidade de impactar de modo importante a economia. No Brasil, a força do Partido dos Trabalhadores, que comanda o governo, dependeu da constante cooptação de sindicatos, concedendo aos trabalhadores do setor formal um poder de barganha muito maior que o de seus homólogos turcos. Além disso, os bairros de trabalhadores na Turquia ainda estão sob a influência hegemônica de Erdoğan, enquanto muitos residentes das favelas no Brasil foram

às ruas. Sua participação pareceu contribuir para maiores concessões por parte do governo.

No contexto turco, o que representa o passo mais crítico dado pelos manifestantes foi o surgimento de assembleias populares, que tendem a deixar um impacto permanente na sociedade e na política turcas. Depois que a polícia evacuou o parque Gezi, em 15 de junho, as pessoas levaram a resistência para seus próprios bairros, formando assembleias em parques locais. Essas assembleias foram criadas em quase todos os distritos de Istambul, o que, por sua vez, foi seguido por outras cidades. Essas assembleias agora funcionam muito bem no desenvolvimento da democracia de base, algo que a Turquia não teve por mais de três décadas.

Em muitos aspectos, os levantes na Turquia e no Brasil assumiram um caráter internacional. Os governos dos dois países apresentaram duas diferentes explicações para isso, acompanhadas de duas diferentes estratégias de resposta. A presidente do Brasil, Dilma Rousseff, disse que os protestos no Brasil fazem parte de uma onda global, a qual, portanto, não está relacionada diretamente às ações específicas do governo brasileiro. O primeiro-ministro da Turquia, Erdoğan, por outro lado, recorreu a uma teoria de conspiração infame, sugerindo que foi o capital financeiro internacional que tentou solapar o sucesso econômico e político do Brasil e da Turquia organizando um complô. “O mesmo jogo está sendo jogado agora no Brasil”, disse Erdoğan⁸. “Os símbolos são os mesmos, os cartazes são os mesmos, Twitter, Facebook são os mesmos, a mídia internacional é a mesma. Eles [os que protestavam] estão sendo liderados pelo mesmo centro. Estão fazendo o possível para alcançar no Brasil o que não puderam alcançar na Turquia. É o mesmo jogo, a mesma armadilha, o mesmo objetivo.”

De fato, tanto no Brasil como na Turquia, os governos tentaram inicialmente apaziguar os manifestantes tratando da causa original dos protestos. No Brasil, isso significou reduzir o anunciado aumento da tarifa em diversos municípios; na Turquia, levou a um acordo para submeter o plano de redesenvolvimento do parque Gezi a um exame judicial e mesmo a um plebiscito público. Essas concessões se revelaram na melhor das hipóteses inadequadas, na medida em que as queixas dos manifestantes diziam respeito a uma gama muito mais ampla de questões. Apesar do uso comum de altos graus de violência do Estado em ambos os países para pôr fim aos protestos, divergências substanciais na resposta do Estado surgiram depois que as concessões iniciais fracassaram. Em particular, Dilma abordou os protestos com uma linguagem muito mais conciliadora do que Erdoğan. Rousseff se dispôs a fazer concessões adicionais e a reconhecer a legitimidade das queixas, ao contrário do inflexível Erdoğan. Por exemplo, o governo brasileiro foi além da redução nas tarifas de transporte e anunciou,

[8] <<http://www.theguardian.com/world/2013/jun/22/turkey-protests-erdogan-brazil-unrest-taksim>>.

ainda que *pro forma*, um plano de reforma política ao mesmo tempo que elogiava a sensibilidade democrática dos manifestantes. Enquanto isso, Erdoğan tem denunciado repetidamente que os manifestantes agem como vândalos.

As raízes dessas diferentes respostas podem ser localizadas em dois fatores: as posições ideológicas desses dois governos e a composição dos manifestantes em cada um dos países. O PT do Brasil surgiu como uma coalizão de movimentos sociais sob o regime militar na década de 1980. O AKP da Turquia, por sua vez, surgiu como uma forma de revolução passiva contra o desafio islâmico da década de 1990, um processo através do qual os elementos radicais anteriores do movimento islâmico foram absorvidos pela corrente principal do capitalismo neoliberal⁹. Assim, a despeito de políticas semelhantes baseadas no populismo, o PT acabou sendo mais semelhante a um partido social-democrata, enquanto o AKP se tornou o paladino do neoliberalismo conservador.

Isso também se refletiu nas estratégias políticas usadas para sustentar um rápido desenvolvimento econômico em cada país. Brasil e Turquia exibiram altas taxas de crescimento econômico na última década sob os governos do PT e do AKP. O crescimento econômico de ambos os países dependia em grande parte das políticas que esses governos implementaram com sucesso, sem enfrentar resistência significativa. No Brasil, isso se tornou possível por meio da cooptação de vários movimentos sociais de base sob a hegemonia do governante PT. Na Turquia, o AKP absorveu a possivelmente ameaçadora resistência às políticas neoliberais no populismo islâmico. Mas as revoltas simultâneas mostram os limites dessas estratégias, em particular porque os protestos revelaram o grau em que o Estado em ambos os países foi transformado em pouco mais que um aparato policial.

Uma vez que nenhum dos dois governos traduziu a riqueza crescente em uma forma democrática e igualitária de governança, os cidadãos, especialmente as crescentes novas classes médias, que agora têm expectativas mais elevadas do que antes, contestaram essa lacuna inundando as ruas. É interessante notar que a insatisfação com um modelo de desenvolvimento com déficit democrático é o terreno comum mais importante para os levantes na Turquia e no Brasil. Isso é mais explícito no caso brasileiro e mais difícil de entender na Turquia, onde os manifestantes exigiram de forma mais enfática democracia e liberdade. No entanto, assim como no Brasil, os moradores das cidades na Turquia sofrem do aprofundamento da gentrificação, que expulsou as pessoas para periferias cada vez mais distantes, onde faltam serviços públicos básicos e de infraestrutura urbana (como escolas, hospitais, segurança pública, bibliotecas, cinemas, etc.). O mais importante desses serviços é o transporte, já que os empregos são cada

[9] Cf. Tugal, C. *Passive Revolution: absorbing the islamic challenge to capitalism*. Stanford University Press, 2009.

vez mais concentrados em áreas metropolitanas centrais agora distantes. O autoritarismo crescente de Erdoğan e a crescente intervenção do Estado na vida diária das pessoas comuns foram acompanhados pela mercantilização generalizada da natureza e de bens sociais patrocinada pelo Estado, transformando Istambul em um grande *showroom* de empresas de construção. Isso constituiu o pano de fundo para o levante Gezi, quando as classes médias se recusaram a aceitar qualquer nova mercantilização desse tipo.

Ex-guerrilheira, Dilma tem uma melhor noção de como os movimentos sociais ascendem e decaem e de como concessões funcionam de modo eficaz para contê-los. Mas Erdoğan insistiu em desconsiderar as queixas sociais acumuladas da última década sob o conservadorismo neoliberal do AKP. Mais importante, muitos dos manifestantes no Brasil eram eleitores do próprio PT, enquanto as ruas na Turquia estavam ocupadas por quase todos os setores da sociedade, *exceto* os apoiadores do AKP. Assim, os manifestantes no Brasil apresentaram um sério desafio para o partido do governo: os protestos representavam, tanto quanto uma ameaça à segurança, o risco de perder apoio eleitoral. Para o governo turco, em contraste, a ameaça à segurança apresentada pelos levantes foi o principal desafio. Portanto, diante do fato de que seus apoiadores tinham se transformado em seus contestadores, Dilma Rousseff teve de fazer concessões aos manifestantes a fim de não perder o apoio do eleitorado (uma pesquisa realizada pela CNT/Sensus mostrou que 84,3% dos brasileiros aprovam as manifestações)¹⁰.

No entanto, Erdoğan tem se recusado insistentemente a fazer concessões a fim de não perder o apoio de seus eleitores, que constituem a maioria numérica. A maioria de seus apoiadores acredita fortemente em seu carisma e em suas teorias de conspiração e veria qualquer concessão como um sinal de derrota, o que, por sua vez, minaria a imagem de Erdoğan como um líder invencível. Portanto, a insistência de Erdoğan em polarizar a sociedade em apoiadores do Gezi contra partidários do AKP deve ser vista como uma estratégia política para preservar a base popular de seu partido. Enquanto apoiadores conservadores do AKP agora consideram os manifestantes de Gezi como uma ameaça a seu poder prolongado sobre o Estado, estes por sua vez veem o AKP como uma ameaça a seus estilos de vida, à liberdade e ao direito à cidade. O resultado é que há um risco crescente de confronto direto entre o AKP e apoiadores do Gezi, talvez mais semelhante aos desenvolvimentos no Egito.

Em última análise, nem a estratégia brasileira de tentativa de conciliação nem a estratégia turca de polarização funcionaram para conter os protestos. Rousseff primeiro ofereceu a reforma política, em seguida apresentou a opção de realizar um plebiscito. Ela também prometeu aumentar significativamente os gastos com saúde e educação usando

[10] <<http://www.reuters.com/article/2013/07/16/us-brazil-politics-rousseff-idUSBRE96F12D20130716>>.

novas receitas do petróleo. Mas todas essas iniciativas têm tido efeito contrário ao desejado, já que o fracasso em aprová-las no Parlamento diminuiu ainda mais a credibilidade da presidente brasileira. Assim, enquanto Erdoğan pareceu ser “muito duro”, Rousseff foi acusada de ser “muito fraca” (ela tem sido descrita como inexperiente e passiva, mesmo dentro de seu próprio partido), uma imagem que foi reforçada depois que ela recebeu amplo aconselhamento de Lula, o líder anterior do PT. Apesar de algum declínio na intensidade, os protestos no Brasil continuam, especialmente com a recente participação dos sindicatos. Na Turquia, por outro lado, a atitude intransigente de Erdoğan parece ser a principal força a impulsionar os protestos. Sempre que Erdoğan faz um discurso “emocionante”, as pessoas saem às ruas.

Há duas perguntas a fazer. Em primeiro lugar, até que ponto o dinamismo desses movimentos sociais e assembleias populares vai se traduzir em política representativa parlamentar em face das próximas eleições nos dois países? Em segundo lugar, considerando o fato de que as revoltas na Turquia inspiraram em parte as revoltas no Brasil, podemos esperar que os protestos se ampliarão, tornando-se uma nova instabilidade global, que abranja outros mercados emergentes? O desenrolar dos acontecimentos até agora nos inclina a dar uma resposta afirmativa a ambas as perguntas, mas a resposta definitiva ainda está por vir.

ERDEM YÖRÜK é professor assistente no departamento de Sociologia da Universidade Koç, em Istambul, Turquia.

Recebido para publicação
em 8 de outubro de 2013.

NOVOS ESTUDOS

CEBRAP

97, novembro 2013

pp. 57-66

Saiba mais sobre o CEM

Centro de Estudos da Metrópole



O CEM (Centro de Estudos da Metrópole) desenvolve estudos avançados sobre temas relacionados às transformações econômicas, políticas e sociais verificadas nas metrópoles contemporâneas, com equipes multidisciplinares e abordagem comparativa. O CEM integra os programas Cepid, da Fapesp, e INCT, do CNPq (Ministério da Ciência e Tecnologia). Conheça mais sobre o CEM acessando nosso site.

www.fflch.usp.br/centrodametropole/



centro de estudos da metrópole